



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS.
CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

WILMA DE OLIVEIRA ALBERNAZ

**ALTERNÂNCIA DAS FORMAS PRONOMINAIS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR
NA FALA DOS REMANESCENTES DA COMUNIDADE CANELA, PALMAS - TO**

**Palmas - TO
2023**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS.
CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

WILMA DE OLIVEIRA ALBERNAZ

**ALTERNÂNCIA DAS FORMAS PRONOMINAIS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR
NA FALA DOS REMANESCENTES DA COMUNIDADE CANELA, PALMAS - TO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal do Tocantins – IFTO, Campus Palmas/TO, como exigência à obtenção do grau de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa.

ORIENTADOR: Profº Dr. Daniel Marra da Silva

CO-ORIENTADORA: Profª Ma. Auricélia Alencar da Silva Fernandes

**Palmas - TO
2023**

WILMA DE OLIVEIRA ALBERNAZ

**ALTERNÂNCIA DAS FORMAS PRONOMINAIS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR
NA FALA DOS REMANESCENTES DA COMUNIDADE CANELA, PALMAS - TO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal do Tocantins – IFTO, Campus Palmas/TO, como exigência à obtenção do grau de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa.

ORIENTADOR: Profº Dr. Daniel Marra da Silva

COORIENTADORA: Profª Ma. Auricélia Alencar da Silva Fernandes

Aprovado em: 03/02/2023.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profº. Dr. Daniel Marra da Silva
IFTO – *Campus* Palmas

Coorientadora: Profª. Ma. Auricélia Alencar da Silva Fernandes
IFTO – *Campus* Palmas

Membro da Banca: Prof. Me. João Carlos Botelho
SEDUC/TO

Membro da Banca: Prof. Me. Mairo Cândido Rodrigues
IFPA – *Campus* Cametá

**Palmas - TO
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

A329a Albernaz, Wilma de Oliveira
ALTERNÂNCIA DAS FORMAS PRONOMINAIS DE SEGUNDA
PESSOA DO SINGULAR NA FALA DOS REMANESCENTES DA
COMUNIDADE CANELA / Wilma de Oliveira Albernaz. – Palmas, TO,
2023.
50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO,
2023.

Orientador: PhD Daniel Marra da Silva

Coorientadora: Ma. M.^a Auricélia Alencar da Silva Fernandes

1. Variação linguística.. 2. Alternância linguística. 3. Pronomes de
segunda pessoa do singular. Comunidade do Canela – Palmas/TO..
I. Marra da Silva, Daniel. II. Alencar da Silva Fernandes, M.^a
Auricélia. III. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins
de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).**

“Não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”.

William Labov

Dedico este trabalho a Deus, àquele que, em todos os momentos, foi a minha base para enfrentar todas as dificuldades nesta trajetória. Aos meus pais, João de Oliveira Sobrinho e Lindaura Rita de Oliveira (*in memorian*).

A toda minha família, sobretudo meu esposo Wilson Alves Albernaz e aos meus filhos Wilter, Willer, Wilson Neto, João Vitor, pelo incentivo e pela paciência nos momentos que estive ausente. Agradeço também minha querida irmã Vânia Célia de Oliveira pela sua paciência e seu incentivo para que eu não desistisse

A todos os professores pelos conhecimentos transmitidos.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Daniel Marra da Silva, pela orientação, e à professora Mestra Auricélia Alencar da Silva Fernandes, pela coorientação, e em especial a professora mestra doutoranda Maria Rilda Alves da Silva Martins pelo grande desprendimento em ajudar-nos e pela amizade sincera.

Às amigas Célia Maria de Jesus Lopes e Claudia Cristina P. Araújo pelo incentivo e grande ajuda com o fornecimento de material para a realização deste trabalho.

Aos povos remanescentes da Comunidade Canela, que concederam as entrevistas para esta pesquisa, o que permitiu que a mesma se concretizasse.

Agradeço a equipe do “Projeto de Pesquisa: *Uso da segunda pessoa do singular em comunidades de fala da região norte: variação dos pronomes tu/você/ocê/cê na fala tocantinense*” do Instituto Federal do Tocantins – Campus Palmas, por permitir fazer parte desse projeto grandioso e importante para o campo da pesquisa variacionista.

RESUMO

Este trabalho resulta de uma pesquisa que analisou o fenômeno da variação das formas pronominais de segunda pessoa do singular na fala dos povos remanescentes da Comunidade Canela em Palmas – TO. Neste estudo, descrevemos e analisamos a variação dos pronomes *cê/você/ocê/senhor/senhora* em conformidade com os fatores sociais e linguísticos que condicionam sua seleção em diferentes contextos e situação de fala pelos participantes da pesquisa, verificando as motivações da variação dessas formas pronominais. Trata-se de uma pesquisa de abordagem variacionista, conforme as etapas metodológicas da pesquisa sociolinguística. A natureza quantitativa da pesquisa emergiu-se a partir das variáveis selecionadas que foram tratadas estatisticamente, com o auxílio do software GoldVarb X. Os resultados mostraram que há uma alternância entre as variantes dos pronomes “*cê/você/ocê/senhor/senhora*”, sendo o *cê* e o *você* as formas mais recorrentes no falar dessa comunidade. Além dessas, o uso das formas *senhor* e *senhora* mostraram-se também produtivas. A variante *tu* não foi utilizada durante o processo de entrevistas.

Palavras-chave: Variação linguística. Alternância linguística. Pronomes de segunda pessoa do singular. Comunidade Canela – Palmas/TO.

ABSTRACT

This work is the result of a research that analyzed the phenomenon of the variation of the second person singular pronominal forms in the speech of the remaining peoples of the Canela Community in Palmas - TO. In this study, we describe and analyze the variation of the pronouns *cê/você/ocê/senhor/senhora* in accordance with the social and linguistic factors that condition their selection in different contexts and speech situations by research participants, verifying the motivations for the variation of these forms pronominals. This is a research with a variationist approach, according to the methodological stages of sociolinguistic research. The quantitative nature of the research emerged from the selected variables that were statistically treated, with the aid of the GoldVarb X software. The results showed that there is an alternation between the variants of the pronouns *cê/você/ocê/senhor/senhora*, with *cê* and *você* being the most recurrent forms in the speech of this community. In addition to these, the use of the forms *senhor* and *senhora* also proved to be productive. The variant *tu* was not used during the interviews process.

Keywords: Linguistic Variation. Linguistic Alternation. Second-person singular pronouns. Community Canela – Palmas/TO.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – PERFIL DOS FALANTES.....	24
QUADRO 2 – CODIFICAÇÃO DAS VARIANTES.....	26
QUADRO 3 – PERFIL DOS PARTICIPANTES.....	28
QUADRO 4 – CODIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	28
QUADRO 5 – SÍNTESE DO SIGNIFICADO DAS VARIANTES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR.....	38

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE USO DAS VARIANTES <i>CÊ</i> , <i>VOCÊ</i> , <i>OCÊ</i> , <i>SENHOR</i> E <i>SENHORA</i>	30
TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE <i>VOCÊ</i> , <i>OCÊ</i> , <i>CÊ</i> , <i>SENHOR/A</i> EM RELAÇÃO À ALTERNÂNCIA.....	32
TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE <i>VOCÊ</i> , <i>OCÊ</i> , <i>CÊ</i> , <i>SENHOR/A</i> EM RELAÇÃO AO SEXO.....	33
TABELA 4 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE <i>VOCÊ</i> X <i>OCÊ</i> , <i>CÊ</i> EM RELAÇÃO AO SEXO.....	33
TABELA 5 – VARIAÇÃO DE <i>VOCÊ</i> , <i>OCÊ</i> E <i>CÊ</i> , <i>SENHOR/A</i> EM RELAÇÃO À ESCOLARIDADE.....	34
TABELA 6 – DISTRIBUIÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE <i>VOCÊ</i> , <i>OCÊ</i> , <i>CÊ</i> EM RELAÇÃO À TIPOLOGIA TEXTUAL.....	36
TABELA 7 – RESULTADO GERAL DA PRODUTIVIDADE DE <i>VOCÊ</i> , <i>OCÊ</i> , <i>CÊ</i> , <i>SENHOR/A</i> EM RELAÇÃO À FUNÇÃO SINTÁTICA.....	37

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – VARIAÇÃO DE <i>VOCÊ, OCÊ, CÊ, SENHORA/A</i> NO ANTIGO POVOADO DO CANELA	15
GRÁFICO 2 – VARIAÇÃO EM RELAÇÃO À VARIÁVEL SEXO.....	15
GRÁFICO 3 – VARIAÇÃO EM RELAÇÃO À ESCOLARIDADE.....	15

LISTA DE SIGLAS

TO – TOCANTINS (Estado)

IFTO – INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....	15
2.1	A sociolinguística variacionista.....	15
2.2	Pressupostos da Sociolinguística Variacionista.....	16
2.2.1	Comunidade de fala.....	17
2.3	Pesquisa variacionista no Brasil.....	26
2.3.1	Pesquisa sobre a segunda pessoa do singular em Porto Nacional (TO).....	19
3	TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	21
3.1	Descrição do local da pesquisa: contexto histórico da Comunidade Canela.....	21
3.2	Tipo da pesquisa.....	23
3.3	Universo da pesquisa.....	23
3.4	Coleta e preparação dos dados, codificação das variáveis e suas variantes.....	24
3.4.1	Equipamento que foi usado para gravar as entrevistas.....	26
3.4.2	Teste de produção variante.....	27
3.4.3	Aplicação do teste de percepção e produção linguística.....	27
3.5	Variáveis sociais selecionadas para pesquisa.....	28
4	RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA.....	29
4.1	Variável dependente.....	29
4.1.1	Alternância de <i>você, ocê, cê, senhor/a</i> por um mesmo falante.....	31
4.2	Variáveis sociais.....	32
4.2.1	Sexo: Feminino e Masculino.....	32
4.2.2	Escolaridade: Fundamental e Médio.....	34
4.3	Variáveis linguísticas.....	35
4.3.1	Tipologia textual das ocorrências: Instrucional / Não instrucional.....	36
4.3.2	Função sintática.....	37
4.4	Avaliação do Pronome.....	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS.....	48

1. INTRODUÇÃO

Os fatores externos e a pluralidade cultural são determinantes nas mudanças pelas quais a língua portuguesa passa constantemente. Os indivíduos desenvolvem um modo peculiar de se comunicar, usando expressões fora da norma culta, mas mantendo a ligação de mesmo sentido. Dentro do universo de estudo da língua, esse fenômeno faz parte do campo de estudo da sociolinguística, que se atenta para o uso da gramática de uma comunidade de fala. A abordagem de estudo proposta por William Labov é conhecida como Sociolinguística Variacionista ou Quantitativa. Esta consiste em mostrar que a fala de um sujeito segue rumos variados.

Diante disso, o objeto deste trabalho, consiste em analisar a alternância das formas pronominais de segunda pessoa do singular na comunidade de fala estratificada composta pelos povos remanescentes da Comunidade Canela em Palmas (TO), que surgiu no começo do século XIX, à margem direita do rio Tocantins, mas que hoje residem na Quadra 508 Norte, em Palmas Tocantins e o local antigo passou a ser conhecido atualmente como “Ilha do Canela”.

A motivação para estudar esse fenômeno da variação da língua, no uso dos pronomes “cê/você/ocê/senhor/senhora” se deu a partir de observação do cotidiano que a peculiaridade no modo de falar de determinado sujeito, de forma estigmatizada, incorre em humorístico até mesmo anedotas sobre a fala daquela comunidade a partir dos estereótipos e representações – por vezes hiperbólicas – construídas sócio-historicamente, como por exemplo: “Por que fulano fala assim?” “É tão engraçado!”. Em face disso, desenvolver pesquisas sobre esse assunto visa naturalizar a temática, apontando que um modo de falar específico de um indivíduo ou de uma comunidade de fala não necessariamente esteja errado, mas adequado à sua realidade.

A escolha da comunidade parte do interesse após conhecer e ser membro do “Projeto de Pesquisa: *Uso da segunda pessoa do singular em comunidades de fala da região norte: variação dos pronomes tu/você/ocê/cê na fala tocantinense*”, desenvolvido desde 2020 no âmbito do Instituto Federal do Tocantins, coordenado pela prof^a Me. Maria Rilda Alves da Silva Martins (IFTO), juntamente com o prof^o. Me. João Carlos Botelho (IFTO). Logo, este trabalho veio contribuir com os estudos em desenvolvimento sobre o uso dos pronomes de caráter variacionista no Estado do Tocantins.

O presente estudo tem como problema de pesquisa observar e registrar os fatores linguísticos, socioculturais que condicionam o processo de seleção das variantes “cê/você/ocê/senhor e senhora” na fala dos remanescentes da Comunidade Canela, baseado na

hipótese que há uma alternância dos pronomes de segunda pessoa do singular (cê/você/ocê/senhor/ senhora) no falar das pessoas dessa comunidade, que até o presente momento ainda não fora descrito nenhum estudo variacionista nesta comunidade.

O objetivo geral deste trabalho consiste em descrever e analisar a variação dos pronomes cê/você/ocê/senhor/senhora, e os fatores sociais e linguísticos que condicionam sua seleção em diferentes contextos e situação de fala na Comunidade Canela, verificando as motivações da variação dos pronomes da segunda pessoa do singular nessa comunidade.

Para tanto, como objetivos específicos buscou-se:

- Identificar e descrever como se apresenta o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular através de entrevistas;
- Verificar em que contexto os falantes da Comunidade Canela usam/alternam esses pronomes;
- Apontar as motivações que se dá a variação/alternância pronominal no falar dos povos da Comunidade Canela e suas variantes;

Para composição da amostra dessa pesquisa foram contatados doze (12) participantes dessa comunidade, de faixas etárias acima de 35 anos. Além desta introdução, o presente estudo apresenta mais quatro capítulos: capítulo 2 - fundamentação teórica; capítulo 3 - apresenta-se a metodologia; capítulo 4 - pesquisa e análise dos resultados; e capítulo 5 - considerações finais.

2. A SOCIOLINGUÍSTICAS VARIACIONISTA: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICO

O referencial teórico da presente pesquisa constitui-se inicialmente, por autores que discorrem sobre a área da sociolinguística variacionista, estes estudam a estrutura e a mudança social da língua em uso. Aqui aprofundada na investigação da variação do uso dos pronomes tu/você, das variantes “ocê/cê” e senhor/senhora.

2.1 A sociolinguística variacionista

A Sociolinguística variacionista surgiu por volta de 1960, com a proposta de estudar a língua, a partir do pressuposto linguístico e social. Tendo como destaque nessa área de estudos linguísticos o norte-americano William Labov, que no século XX deu início a uma série de investigações linguísticas, as quais inovaram a compreensão de como os falantes usam sua língua. Por esse motivo ele é considerado fundador dessa abordagem de estudo. Labov volta a atenção para um estudo social da língua.

Para falar do estudo social da língua, destaca-se, aqui, Silva (2012), que em seus estudos sobre as implicações metodológicos e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos, pesquisa os autores Whitney, Saussure, Meillet e Labov e aponta que “é comum aos quatro autores o pensamento de que uma língua nunca é a mesma para todos os indivíduos, pois os falantes a adquirem de forma distinta uns dos outros, em momentos e condições históricas diversas”. (SILVA, 2012, p.13).

Já Martins (2007, p. 26) discorre que a sociolinguística como “ciência autônoma e interdisciplinar teve início no século XX, embora houvesse vários linguistas que já desenvolvessem trabalhos baseados em pressupostos teóricos claramente sociolinguísticos [...]”. Mas, o linguista e pesquisador norte-americano William Labov é considerado o “Pai” da Teoria da Variação. Na década de 60, ele iniciou uma pesquisa na Ilha de *Martha’s Vineyard* na cidade de Nova York nos Estados Unidos, sobre a variação linguística na fala dos sujeitos daquela região, mostrando que a fala segue direções variadas (LABOV, 2008 [1972]).

Por isso, ele é considerado como o fundador da Sociolinguística Variacionista, após descrever uma metodologia para analisar o processo de variação e mudança linguística. A criação desse processo metodológico para descrição e análise quantitativa da variação deu-se a partir de sua pesquisa sobre os estudos fonológicos do inglês falado na ilha de *Martha’s Vineyard* e sobre o inglês falado na cidade de Nova Iorque. (MARTINS, 2007, p. 26).

Ainda segundo Martins (2017, p. 46 *apud* MORENO FERNÁNDEZ, 2012), “a metodologia da Sociolinguística variacionista oferece duas características que, unidas, destaca

sua personalidade entre o conjunto das disciplinas linguísticas. Uma delas é a atenção à dimensão social da língua e suas implicações epistemológicas”.

[I]nteressa o uso da língua na sociedade, valorizando as interações dos falantes reais considera os como sujeitos, como agrupamentos ou como comunidades. A outra característica é a de sua dimensão empírica: a sociolinguística trabalha com dados empiricamente reunidos, armazenados e tratados, concedendo validade às aproximações indutivas (MARTINS, 2017, p. 46 *apud* MORENO FERNÁNDEZ, 2012, p. 168).

Logo, a Sociolinguística variacionista “estuda a língua em seu contexto social, buscando compreender os fatores internos e externos que atuam sobre a variação e mudança linguística” (SCHERRE, 2018, p. 12), que conforme Silva (2009) em suas pesquisas sobre Labov, afirma que “a variação linguística, que era encarada como caótica e intrigante começou [...] a ser considerada e demonstrada como sistemática e descritível”. (SILVA, 2009, p. 31).

O estudo da variação, é um fenômeno no qual “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas” (MOLLICA; BRAGA, 2012, p. 9), ou seja, o próprio dinamismo da língua, faz com que ela vá se modificando sofrendo mudanças significativas e sendo sentidas de acordo com cada região.

Scherre *et al.* (2018, p. 12) corrobora dizendo que “em toda e qualquer língua natural há formas linguísticas diferentes que podem ocorrer em um mesmo contexto ou em contextos semelhantes com o mesmo valor de verdade ou o mesmo significado referencial”.

Logo, para quantificar os fenômenos variáveis, Guy e Zilles (2007, p. 73) explicam que “a variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua própria natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos”.

A realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. [...] O uso de métodos estatísticos, contudo, tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo social, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras. (GUY; ZILLES, 2007, p. 73).

A variação linguística, que antes era encarada como desordenada e intrigante, começou a partir dos estudos de Labov (2018[1978]) a ser considerada e retratada como sistemática e descritível.

2.2 Pressupostos da Sociolinguística Variacionista

Aborda-se aqui a metodologia da Sociolinguística Variacionista, discute-se e descreve-se as técnicas e orientações teóricas que desde a década de 60 vem sendo empregada nos

trabalhos acerca da variação e mudança linguística do português brasileiro.

Dessa forma, ao realizar uma pesquisa em qualquer área do conhecimento, precisa-se delimitar o objeto de pesquisa, aqui denominado como variação e alternância da segunda pessoa do singular no falar dos remanescentes da Comunidade Canela em Palmas (TO). Após essa delimitação, apresenta-se o conjunto de técnicas da Sociolinguística Variacionista que permite:

- a) a coleta e tratamento de dados, em relação ao objeto delimitado;
- b) a análise e a apresentação dos resultados.

Esse conjunto de técnicas e o que fundamenta essas técnicas chama-se de metodologia. Para esse estudo utilizamos a técnica de aplicação de questionário com entrevistas semiestruturadas, diálogos instrucionais e bate-papo, mediada pela pesquisadora com os falantes da comunidade investigada.

Para analisar os dados levantados da Comunidade Canela, foi utilizado o *GOLDVARB X*, este é um o programa computacional de análise quantitativa, para o ambiente Windows (SCHERRE, 2012 apud SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2012). Esse programa “trabalha com um instrumental estatístico para quantificar os fenômenos variáveis, apresentando o peso relativo a partir de cálculo estatístico e de probabilidades” (MARTINS, 2017, p. 62 apud GUY, 2007, p. 49).

2.2.1 Comunidade de fala

A comunidade de fala é muito recorrente na sociolinguística variacionista, a escolha da comunidade de fala quase sempre chega a ser decisiva para a pesquisa, uma vez que os dados linguísticos analisados na pesquisa podem até já terem sido verificados por outros pesquisadores, mas, ao realizar uma pesquisa em uma comunidade até então não selecionada para análises destes fenômenos exclusivos, o pesquisador traz para a pesquisa um caráter pioneiro, algo tão imprescindível quando o assunto é analisar a língua do ponto de vista científico, assim como, em seu processo de variação e mudança linguística.

Guy (2012) define a comunidade linguística/fala a partir de três critérios: a) comunidade linguística é um grupo de indivíduos que se comunicam relativamente mais entre si do que com indivíduos de outras comunidades. b) comunidade linguística é um grupo de indivíduos que compartilham regras de uso da língua. c) comunidade linguística é um grupo de indivíduos que compartilham atitudes de uso da língua.

Pode-se dizer que as comunidades linguísticas são regidas por um princípio de

convergência, de modo que os falantes quanto mais integrados a uma determinada comunidade linguística, mais coesos estão com relação às regras da gramática, às regras de uso da língua e com relação às atitudes sobre os usos dessas regras, eles manifestaram (Lima *et al.* 2020, p. 19).

Para Labov, uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (2008[1972], p. 188). De acordo com ele, é na comunidade de fala que a variação e a mudança tomam lugar, ou seja, neste lugar se dá a interação entre língua e sociedade.

Labov (1972) declara que uma comunidade de fala é aquela que compartilha normas e ‘atitudes’ sociais perante uma língua ou variedade linguística.

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso (LABOV, 1972, p. 120- 121).

O entendimento do autor sobre comunidade de fala retoma tanto os aspectos linguísticos quanto sociais e refere-se às normas/atitudes sociais que são compartilhadas pelos falantes, no entanto, esses falantes partilham características linguísticas parecidas.

Diante disso, a premissa da sociolinguística variacionista, ou sociolinguística laboviana, busca identificar fatores sociais que causam mudanças na linguagem ou buscar correlações entre a estratificação social e o uso de diferentes línguas.

2.3 Pesquisa variacionista no Brasil

Para dialogar com os dados levantados da Comunidade Canela, serão revistos os estudos variacionista já realizados sobre os usos dos pronomes de segunda pessoa do singular em algumas localidades brasileiras, como o de Loregian-Penkal (2004), Lucca (2005), Santos (2012) e Martins *et al.* (2020).

Inicialmente, julga-se mister a menção ao trabalho de Loregian-Penkal (2004), como sendo pioneira no mapeamento de comunidades com a temática abordada, com a pesquisa intitulada (Re)Análise da Referência de Segunda Pessoa na Fala da Região Sul, que teve como objetivo “estudar o comportamento de duas regras variáveis, primeiro analisa de que forma se dá a alternância pronominal tu/você na fala do informante do corpus VARSUL dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina [...], e a segunda verifica se o *tu* está sendo substituído pelo *você* no sul do Brasil” (LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 12).

Já Lucca (2005) fez um estudo sobre a variação *tu/você* na fala brasiliense com falantes do grupo social que ela julgava ser o que mais propiciava o uso do *tu* no Distrito Federal: jovens do gênero masculino.

Santos (2012) realizou uma pesquisa (“Tu vai para onde?... Você vai para onde?”) no Rio de Janeiro, “com o objetivo descrever e analisar a alternância de sujeitos de segunda pessoa na fala carioca com base em dados internacionais” (SANTOS, 2012, p. 05).

Martins *et al.* (2020) descreve e analisa a alternância das formas pronominais de segunda pessoa do singular *cê*, *você* e *tu* no falar da comunidade urbana de Porto Nacional/TO, com o objetivo de verificar a motivação da alternância. Em sua pesquisa a autora confirmou a hipótese que um mesmo falante utiliza duas ou mais variantes de segunda pessoa do singular em seu discurso, sendo a variante *cê* a mais frequente na fala portuense.

Desse modo, muitos estudos sociolinguísticos de caráter variacionista têm apontado as variações do uso da segunda pessoa do singular no português brasileiro, e eles são importantes para mostrar a heterogeneidade que envolve a língua.

2.3.1 Pesquisa sobre a segunda pessoa do singular em Porto Nacional -Tocantins

A pesquisa sobre a segunda pessoa do singular teve início no Tocantins em 2014, a primeira contribuição sobre esse tema, desenvolvida por Martins (2017). Essa autora investigou a alternância dos pronomes *tu/você/cê*, no falar de Porto Nacional – TO. Para esta pesquisa foram selecionados 36 falantes, estratificados conforme as faixas etárias de dezoito (18) a trinta e cinco (35) anos, de trinta e seis (36) a cinquenta e cinco (55) anos e mais de cinquenta e cinco (55) anos de idade, com níveis de escolaridade Fundamental (completo e incompleto), Ensino Médio e Ensino Superior de ambos os sexos: feminino e masculino.

A autora recorreu à abordagem metodológica da Sociolinguística Variacionista e Cognitiva, bem como à ferramenta computacional GOLDVARB X, para análise estatística de dados linguísticos. Os resultados desta pesquisa indicaram que os falantes portuenses alternam as formas *você* e *cê* com mais frequência (essas formas são mais prototípicas), ao contrário do pronome *tu* (forma mais periférica), que se apresentou em menor escala no falar dessa comunidade. As variantes *você* e *cê* apresentaram comportamentos linguísticos distintos: houve contextos que favoreceu a ocorrência do pronome *você* e outros contextos variáveis, em que a ocorrência da forma reduzida *cê* mostrou-se mais significativa, condicionada por fatores linguísticos, sociais e cognitivos, Martins *et al.* (2020).

Além desse estudo, outras pesquisas estão sendo desenvolvidas pelo grupo de pesquisa

Nupla (Núcleo de Pesquisas em Linguagens e Artes do IFTO Campus Palmas).

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O desenvolvimento do estudo foi amparado pela abordagem da Sociolinguística Variacionista, para relatar-se as variantes linguísticas *você, ocê, cê, senhora e senhor* e os fatores sociais como, sexo, faixa etária e escolaridade que atuam na alternância dos pronomes da segunda pessoa do singular dos povos remanescentes da Comunidade Canela em Palmas (TO).

Para Labov (2008 [1972], p. 63), “toda pessoa que comece a estudar a língua em seu contexto social imediatamente se depara com o clássico problema metodológico: os meios empregados para coletar os dados interferem nos dados a serem coletados”. Logo, apresentaremos abaixo o caminho metodológico para realização desta pesquisa.

A sociolinguística é base para a elaboração do *corpus* e a coleta dos dados, em virtude que é o campo que investiga a língua em seu uso real, tendo em vista as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística (CEZARIO, VOTRE, 2013, p. 141).

As etapas metodológicas da pesquisa sociolinguística em resumo são: a escolha da comunidade de fala, a seleção dos informantes, a coleta de dados, a transcrição/codificação e a análise dos dados coletados. Para desenvolver a pesquisa na abordagem da variacionista, é fundamental selecionar uma comunidade de fala, selecionar os participantes, gerar os dados para compor a amostra, feito isso, realizar a transcrição, codificação, realização das análises e a interpretação dos dados.

A natureza quantitativa da pesquisa delinea-se a partir do momento em que se determinam as variáveis tanto linguísticas quanto extralinguísticas para análise. Tais variáveis são tratadas estatisticamente, com o auxílio do software GoldVarb X, e os resultados provenientes delas corroboraram para a análise do fenômeno investigado.

3.1 Descrição do local da pesquisa: contexto histórico da Comunidade Canela

O povoado Canela começou a surgir no século XIX, com a instalação da família Batista, advindo da cidade de Tocantínia-TO. As terras eram ideais para morar e plantar, essas famílias faziam parte da comunidade ribeirinha, localizada às margens do rio Tocantins (OLIVEIRA, 2017). Hoje a Comunidade do antigo Canela, está localizada na quadra Arne 64 (508 norte) na capital Palmas-TO.

O nome do antigo povoado Canela se originou de um animal bovino, que era criado nesse povoado, por causa desse animal que tinha as pernas grandes e era chamado de canela, dessa forma, o povoado passou a ser denominado Canela (OLIVEIRA, 2017).

A construção da cidade de Palmas está diretamente ligada a comunidade do Canela, de acordo com Oliveira (2017, p. 63) a “cidade de Palmas foi projetada à margem direita do rio Tocantins na região denominada Canela, ocupada por uma comunidade ribeirinha desde o século XIX, quando o Estado ainda era conhecido como “o Norte de Goiás”.

Nessa Comunidade Canela houve várias alterações quanto à sua divisão política, era reconhecida como povoado, mas também já foi distrito, “oficialmente, de Porto Nacional, de Taquaruçu do Porto, de Taquaruçu e da capital Palmas” (OLIVEIRA, 2017, p. 66). E segundo Santos (2017) estava assentado numa área de 219.339ha.

O acesso era através da TO-080, estrada pavimentada que também dava acesso à antiga praia da Graciosa. O Canela pertenceu inicialmente ao município de Porto Nacional. A economia baseava-se na criação de gado e produção agrícola de subsistência, nas vastas extensões de terras devolutas. As famílias iam se organizando, construindo novas casas à medida que seus membros formavam outros núcleos familiares. Essa comunidade fundamentou o seu modo de vida na unidade de produção familiar, podendo ser visto como um aglomerado camponês, uma vez que toda a sua estrutura social estava baseada no trabalho com a terra e na produção familiar, através da família elementar: pai, mãe e filhos.

Oliveira (2017, p. 111) afirma que “as primeiras famílias a deixarem o povoado foram as que lá chegaram, após a construção de Palmas. Os moradores mais antigos e aqueles que construíram benfeitorias como casas e roçados se deslocaram para o plano diretor de Palmas”. Ainda segundo Santos (2017) a população do Canela foi reassentada e encontra-se localizada na zona urbana do município de Palmas, capital do Estado do Tocantins, mais precisamente na quadra 508 Norte, antiga ARNE 64.

Os primeiros contatos desta autora com a Comunidade Canela iniciaram-se em meados de 1991 na capital Palmas (TO), com os passeios para a Praia da Graciosa. Os bancos de areia que formavam a praia ocorriam sempre em julho, quando o rio baixava, eram as praias de água doce, margeadas pelo Rio Tocantins. Ali sentia-se natureza e o descanso da labuta da vida, buscava-se a calmaria para “recarregar as energias” e retornar a rotina da vida com tranquilidade e recomeçar.

Para chegar à praia atravessava-se o Rio Tocantins de voadeira, uma espécie de barco a motor, para chegar a praia passava-se pelo povoado do Canela, o povo era acolhedor e bastante receptivos, seus comércios eram à beira da pista no caminho para o rio, suas casas com

alvenarias em estilo rústico, traziam um certo bucolismo para o local. Ali bem ali encontrava a Vila Canela, conhecida como povoado Canela, no qual é tratada nesta pesquisa como Comunidade Canela. O povoado ocupava uma área de 219.339ha. Ficava a 10km da cidade de Palmas, a comunidade foi desalojada por causa da construção da usina do Lajeado em 2001.

3.2 Tipo de pesquisa

Quanto aos objetivos, a pesquisa classifica como descritiva que para Gil (2002, p. 42) “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-las. Procura descobrir, com a maior precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e suas características. Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas. (CERVO, BERVIAN, SILVA, 2007).

A pesquisa descritiva permitiu desenvolver bases para o desenvolvimento das outras etapas, sendo um planejamento estratégico que se complementa às outras partes que serão analisadas. A coleta dos dados como idade, sexo, grau de escolaridade, dados pessoais, local de nascimento, entre outros, permitiu traçar um perfil dos entrevistados.

3.3 Universo da pesquisa

A abordagem do universo da pesquisa é a língua falada e como ela se modifica impulsionada pela pluralidade cultural de acordo com a localidade, analisada à luz da Teoria Variacionista.

Em vista disso, a teoria da variação e mudança nos permite analisar e sistematizar os diferentes tipos de variação linguística, pois para Labov, a língua não se “localiza” na mente de seu falante, mas no seu uso por uma comunidade de falantes (MENDES, 2015, p. 113).

Essa abordagem integra análise qualitativa e quantitativa, no qual objetiva descrever e analisar a língua em uso nas comunidades de falas, voltando a atenção para a investigação do processo de variação e mudança linguística.

Ainda, essa perspectiva metodológica possibilita descrever a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular *você*, *ocê*, *cê*, *senhor* e *senhora*, na zona urbana do antigo Canela – Palmas-TO, observando em que medida essas formas variam e que fatores as condicionam.

Para tanto, o método abordado que conduziu os passos que foram seguidos nas etapas da investigação e análise do objeto da pesquisa, foi o método de entrevistas in loco na comunidade em estudo.

3.4 Coleta e a preparação dos dados, codificação das variáveis e suas variantes

Foram utilizadas entrevistas estruturadas, diálogos instrucionais e bate-papo, mediada pela pesquisadora com os falantes da comunidade investigada. Seguindo, a metodologia da sociolinguística variacionista, essa amostra foi composta por 12 participantes, com nível de escolaridade fundamental e médio, faixas etárias de 35 a 50 anos e +50 anos e considerando-se também, o sexo (feminino e masculino) dos participantes da pesquisa.

QUADRO 1
PERFIL DOS FALANTES

SEXO	Faixa Etária	Escolaridade	Falantes
Masculino	35 a 50 e +50	Ensino Fundamental	3
Feminino	35 a 50 e +50	Ensino Fundamental	3
Masculino	35 a 50 e +50	Ensino Médio	3
Feminino	35 a 50 e +50	Ensino Médio	3

Fonte: Elaboração própria.

Antes mesmo de pensar numa estrutura de entrevistas, o interesse por pesquisar a variação linguística da Comunidade Canela, surge ao conhecer a disciplina de Sociolinguística do curso de Letras e o projeto de mapeamento linguístico da Região Norte.

O contato com uma manicure nascida no Canela, foi muito importante para iniciar a coleta dos dados. Ela foi a primeira entrevistada que tivemos no âmbito desta pesquisa, porém informal, mais tarde esse contato tornaria uma entrevista formal. Ela contribuiu significativamente para que se pudesse ter acesso a comunidade, bem como, contatar outras pessoas da comunidade para compor a amostra.

Para as entrevistas, foi utilizado fichas sociais, onde registramos informações pessoais, necessárias para assegurarmos a veracidade da pesquisa e também para análise de dados. As entrevistas foram realizadas com o gravador de voz do aparelho celular e depois transferidas para o computador, a fim de serem arquivadas em um banco de dados.

Os participantes da amostra da pesquisa foram selecionados conforme os critérios da sociolinguística variacionista, e todos os participantes nasceram na comunidade e não residiam fora do povoado Canela por mais de um terço de suas vidas.

O propósito da sociolinguística na comunidade de fala é a coleta dos dados e a observação da fala das pessoas. Logo o procedimento de geração dos dados no âmbito desta pesquisa seguiu essa metodologia, uma vez que este método consiste na realização de gravação da fala dos colaboradores através de questionário semiestruturado e narrativas. Para tanto,

utilizou-se equipamento de gravação de fala, também elaborou-se roteiros de forma que os tópicos da conversação foram controlados para provocar o uso das narrativas. Corroborando com isso, Tarallo (2007), aponta que os estudos com as narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las, os falantes estão tão envolvidos emocionalmente com o que relatam que prestam a mínima atenção ao como relatam. Esta é de fato a situação natural de comunicação que almeja o pesquisador da área de sociolinguística.

Assim, para alcançar o propósito metodológico, o roteiro para as entrevistas foi elaborado com perguntas em forma de questionário. O mesmo tinha como objetivo unificar os dados dos falantes para posteriormente relacionar aos assuntos de conversação e com isso analisar os relatos de experiência pessoal dos falantes. Esse foi o momento em que os falantes puderam relatar sobre as receitas culinárias e sobre as brincadeiras infantis, principalmente quando falaram do significado dessas duas situações discursivas.

No entanto, antes de iniciar a coleta dos dados, realizou-se uma pré-seleção dos participantes da pesquisa. Para tanto, os critérios de seleção foram: conceder a entrevista espontaneamente, ser nascido na antiga Comunidade Canela ou ter ido para lá quando criança; não ter morado fora no máximo por um terço da vida; encaixar-se nos perfis sociolinguísticos preestabelecidos.

Para analisar os dados levantados da Comunidade Canela, foi utilizado o *GOLDVARB X*, ele é um o programa computacional de análise quantitativa, para o ambiente Windows (SCHERRE, 2012 apud SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2012). Esse programa “trabalha com um instrumental estatístico para quantificar os fenômenos variáveis, apresentando o peso relativo a partir de cálculo estatístico e de probabilidades” (MARTINS, 2017, p. 62 apud GUY, 2007, p. 49).

Sobre a interpretação dos dados quantitativos, Martins (2017, p. 49 apud SCHERRE; NORA, 2012) ressalta que os “resultados numéricos obtidos pelo programa só têm valor estatístico”. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista”.

[...] se o linguista for bom, certamente os resultados lhe permitirão refutar ou não as hipóteses estabelecidas quando da análise dos dados linguísticos. Além disso, destacam que a estatística é apenas um instrumento valioso que pode auxiliar no entendimento sobre o comportamento de fenômenos linguísticos. Esse instrumental abre novos horizontes de entendimento, aumentando a capacidade dos pesquisadores na realização de análises de usos linguísticos. (MARTINS, 2017, p. 49 apud SCHERRE; NORA, 2012)

Para Martins (2017 apud GUY, 2007, p. 49), “a realização de análise quantitativa possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua

sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua relação com a mudança linguística”. Perante os dados colhidos, foram feitas as transcrições dos áudios gravados. No Quadro 2 apresenta-se a codificação das variáveis e das variantes.

Quadro 2: da codificação das variantes

VARIANTES	
Códigos	Formas pronominais
V	Você
O	Ocê
C	Cê
S	Senhor/A
VARIÁVEIS	
Códigos	Nível escolaridade
3	Fundamental
4	Médio
Códigos	Sexo
F	Feminino
M	Masculino
Tipologia Textual	
Q	Instrucional
N	Não Instrucional
Função Sintática	
P	Sujeito
L	Não sujeito
Grupos de Falantes	
D,J,G,H,Z,E,T,S,V,Y, W e X	

Fonte: Elaboração própria

Na análise dos dados, o programa GOLDVARB X possibilitou quantificar os percentuais de uso dos pronomes da segunda pessoa do singular, de acordo com as variáveis definidas.

3.4.1 Equipamento que foi usado para gravar as entrevistas

Para amostra constituída utilizou-se o gravador do celular da entrevistadora para gravar os áudios da pesquisa, o mesmo possui tecnologia atualizada dentro do desejado para desempenhar tal função. Segundo Oliveira Junior (2014, p.19) “a escolha de equipamentos de gravação de áudio para a construção de um *corpus* de fala deve ser guiada por estratégias que garantam um bom resultado do material a ser coletado. A coleta de dados é a base de um bom *corpus*”.

As gravações foram constituídas da fala de doze (12) informantes, nascido no antigo Canela e residente na quadra ARNE 64 (508 NORTE) Palmas-TO, sendo seis (6) masculino e

seis (6) feminino. Os informantes tinham consciência da gravação dos áudios.

3.4.2 Teste de produção da variante

Como parte da entrevista, aplicamos um teste de produção linguística, que consistiu na escolha de uma variante de segunda pessoa do singular pelo falante entrevistado, no qual ele elaborou uma pergunta dirigida à entrevistadora. Para tanto, foi sugerido determinadas palavras sobre estado civil, profissão, lazer, família e local de origem dos interlocutores.

Para isso, houve uma alteração de papéis, a pesquisadora passou a ser entrevistada pelos participantes, este método teve a intenção de mostrar a importância dos aspectos linguístico e cognitivo, sendo o falante estimulado a utilizar os pronomes investigados.

3.4.3 Aplicação do teste de percepção e produção linguística

O teste que será apresentado a seguir foi fundamentado no questionário de Rocha (2013) e adaptado para atender os propósitos da presente pesquisa. Para aplicação do questionário, a pesquisadora retornará à sua função de entrevistadora fazendo as seguintes perguntas:

- a) Qual a forma de segunda pessoa do singular costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga? Cê/você/ocê/senhor/senhora/tu?
- b) Qual forma costuma usar para dirigir ao seu pai ou à sua mãe? Cê/você/ocê/senhor/senhora/tu?
- c) Qual forma costuma usar para se dirigir a alguém superior (patrão/patroia, por exemplo)? Cê/você/ocê/senhor/senhora/tu?
- d) Qual dessas formas acha mais bonita? Cê/você/ocê/senhor/senhora/tu?
- e) Qual dessas formas acha feia ou ruim? Cê/você/ocê/senhor/senhora/tu?

Esse procedimento metodológico proporcionou aos falantes uma análise sobre as variantes de segunda pessoa do singular, verificou-se se eles têm consciência do uso dessas variantes. Com o conhecimento linguístico do uso das variantes da segunda pessoa do singular pelos falantes, averiguou-se o comportamento da forma linguística de maior prestígio ou não, e assim observou-se o estilo mais próximo de sua cultura dentro da comunidade de fala.

A Sociolinguística Variacionista é definida por sua metodologia da observação, por dados reais, realizados por falantes reais, em circunstâncias reais de uso, compreendido pelo procedimento das entrevistas sociolinguísticas.

Expõe-se na Quadro 3 a estratificação dos informantes da pesquisa realizada.

Quadro 3: perfil dos participantes

Sexo	Falantes	Faixa etária	Nível de escolaridade
Feminino	6	35 a 50 e +50	Fundamental e Médio
Masculino	6	35 a 50 e +50	Fundamental e Médio

Os doze (12) participantes selecionados foram: seis (6) feminino e seis (6) masculino, com idade entre 35 anos a 55 anos e +55 anos, seis (6) participantes do ensino fundamental e seis (6) ensino médio. No quadro 4, apresenta-se a codificação dos falantes selecionados para essa pesquisa.

Quadro 4: codificação dos participantes

Participantes	Sexo	Faixa etária	Nível escolaridade
D	Feminino	+50	Médio
J	Feminino	35 a 50	Fundamental
G	Feminino	+50	Médio
H	Feminino	35 a 50	Médio
Z	Feminino	+50	Fundamental
X	Feminino	+50	Fundamental
E	Masculino	+50	Fundamental
T	Masculino	+50	Fundamental
S	Masculino	35 a 50	Médio
V	Masculino	35 a 50	Médio
Y	Masculino	35 a 50	Fundamental
W	Masculino	35 a 50	Médio

Elaborado pela autora (2023)

3.5 Variáveis sociais selecionadas para pesquisa

As várias sociais escolhidas para esta pesquisa são: sexo, escolaridade, faixa etária. Dos 12 participantes selecionados, 6 são do sexo feminino e 6 do sexo masculino. Para a faixa de idade, a amostra aponta que todos os participantes têm acima de 35 anos. Como a Comunidade Canela possui mais de 20 anos de deslocamento do seu espaço de fundação, logo, não há falantes com idade menor que 35 anos nascidos naquela localidade, o que explica essa faixa etária estratificada. No que diz respeito ao nível de escolaridade, foram selecionados participantes do ensino fundamental e ensino médio, de ambos os sexos.

4. RESULTADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

Este capítulo tem o objetivo de apresentar os resultados das análises dos dados, referente à variação dos pronomes *cê*, *você*, *ocê*, *senhor* e *senhora* aqui descrito e analisado sob a abordagem da Sociolinguística Variacionista.

Após submeter os dados às várias rodadas estatísticas no Programa GoldVarb X, obteve-se os resultados de todos os grupos de fatores estratificados para esta pesquisa. Apresentam-se, os grupos de fatores selecionados como significativos pelo Programa estatístico, bem como os considerados não significativos. Os resultados dos dados são apresentados em tabelas e gráficos. Primeiro, apresenta-se os resultados gerais. Logo após, os grupos de fatores sociais e finalizará com os linguísticos.

4.1 Variável dependente

Durante a realização das transcrições dos dados foram detectadas o uso de 5 variantes (*cê*, *você*, *ocê*, *tu*, *senhor* e *senhora*) no falar da comunidade do antigo Canela. Considerando que o Programa GoldVarb X consiste num modelo binário de variável dependente, foi necessário dividir essas variantes em dois grupos, para a realização das rodadas.

Primeiro, submeteu-se ao programa as variantes *você* e *cê*, juntamente com os grupos de fatores sociais (sexo e escolaridade), linguísticos (Tipologia textual e Função sintática) e grupo dos falantes, totalizando assim, 5 grupos de fatores para interagir com as variantes da primeira pessoa do singular.

No resultado da primeira rodada, observou-se que o quarto grupo de fator, que tratava da função sintática, foi eliminado, devido a variante *cê* não se realizar na função de adjuntos/complementos/objeto, dessa forma, foi retirado das rodadas.

Além desse caso, notou-se que no quinto grupo de fator que agrupavam os 12 falantes, constatou-se 2 nocautes¹, os quais se tratavam da realização de 100% da variante *você*. Os dois casos se aplicam aos seguintes perfis: sexo masculino e escolaridade ensino médio.

Retirados os nocautes, prosseguiu-se às rodadas dos dados, em que se obteve um total de 410 ocorrências de uso dos pronomes de segunda pessoa do singular no falar da antiga Comunidade Canela.

Dos quatro (4) grupos de fatores submetidos à análise binária, o *step-up/step-down*

¹ Um nocaute é, segundo Guy e Zilles (2007, p. 158), “um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente”.

selecionaram três (3) grupos como significativos, o primeiro, o grupo de fator: sexo e o segundo, o grupo dos falantes. Serão apresentados em tabelas e gráficos, a frequência de uso, os percentuais e os pesos relativos dos resultados gerais de uso das variantes *você* e *cê* e os grupos de fatores selecionados como relevantes. Logo em seguida, serão comentados e apresentados somente os percentuais das ocorrências dos grupos de fatores eliminados pelo programa.

A partir daqui, descreve-se o procedimento das rodadas com as variantes *ocê* e *senhor/senhora*. Estas foram submetidas ao programa, juntamente com os grupos de fatores sociais (sexo e escolaridade) e linguísticos (Tipologia textual e Função sintática), totalizando, assim, 5 grupos de fatores para interagir com as variantes da primeira pessoa do singular.

No resultado da segunda rodada, constatou-se 4 nocautes no quinto grupo de fator (grupo dos falantes), nos quais, se tratavam da realização de 100% da variante *ocê*, referente aos seguintes perfis: três do sexo feminino, duas do ensino fundamental e uma do ensino médio e, um do sexo masculino do ensino médio.

Após detectar os nocautes, retirou-se todos e prosseguiu às rodadas dos dados, em que foi possível observar os dois grupos (o grupo da tipologia textual e grupo dos falantes) selecionados como significativos.

Apresenta-se nas tabelas e gráficos a seguir, os resultados gerais dos dados com as quatro variantes interagindo.

Tabela 1 - Distribuição das ocorrências de uso das variantes *cê*, *você*, *ocê*, *senhor* e *senhora*.

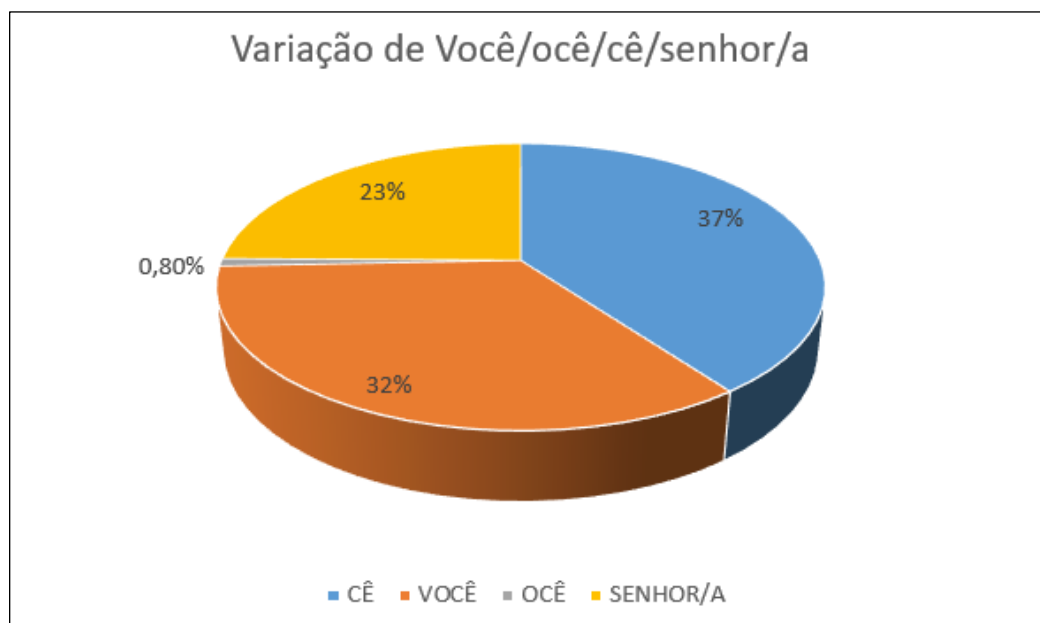
PRONOMES							
CÊ		VOCÊ		OCÊ		SENHOR/A	
Ocorrências	%	OC.	%	OC.	%	OC.	%
154/410	37%	132/410	32%	30/410	0,8%	94/410	23%

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Esses resultados chamaram a atenção para o número de ocorrências das variantes *senhor* e *senhora*. Foram computadas um total de 94 das 410 ocorrências para essa forma. Uma possível justificativa para esse quantitativo de uso, pode estar relacionado com a faixa etária e as tradições culturais repassados pelos seus ascendentes dos participantes da pesquisa.

Os resultados percentuais podem ser visualizados também no Gráfico 01, que segue:

Gráfico 01: Variação de *você, ocê, cê, senhor/a* no antigo povoado Canela.



Fonte: Elaborado pela própria (2023).

De acordo com a Tabela 1, a variante mais usada na Comunidade Canela é o *cê*, apresentando 37% de ocorrências. Em segundo lugar, vem o *você* com 32%, em terceiro, o *senhor/a* com 23%. A variante menos usada pelos canelenses foi o *ocê*, com 0,8%.

A maioria dos participantes tinham a faixa etária maior que 35 anos, e o uso do *senhor/a* era considerado uma maneira respeitosa de tratar os seus interlocutores, que possuíam um grau de escolaridade mais elevados que eles, bem como, o pouco grau de intimidade entre os participantes e entrevistadores. Essas eram as explicações dadas pelos entrevistados, quando lhes eram perguntados, o porquê de usar o *senhor/a* com as pessoas mais novas que eles.

Outra afirmação importante de ser registrada aqui, sobre essa variante, diz respeito à questão cultural repassada de geração em geração entre os canelenses, a forma *senhor/a* eram usadas com as pessoas mais velhas, com os pais, avôs, avós..., professores, entre pessoas com pouco ou nenhum grau de intimidade, pessoas com o grau de instrução maior, patrões etc.

Na seção que segue, apresenta-se a alternância dos pronomes da 2PS. por um mesmo falante, para verificar como cada indivíduo seleciona uma dessas variantes para interagir com os seus interlocutores.

4.1.1 Alternância de *você, ocê, cê, senhor/a* por um mesmo falante.

A adição deste grupo de fator neste estudo objetiva identificar o uso das formas de segunda pessoa do singular na fala de cada indivíduo.

Tabela 2

Distribuição das ocorrências de *você*, *ocê*, *cê*, *senhor/a* em relação à alternância.

Falantes Perfil	VOCÊ Ocorrências	OCÊ Ocorrências	CÊ Ocorrências	SENHOR/A Ocorrências
DF4	11	7	19	22
JF3	13	1	24	0
GF4	12	1	37	0
HF4	13	0	8	10
ZF3	5	8	13	4
EM3	3	2	6	27
TM3	2	1	13	24
SM4	21	0	16	0
VM4	13	5	5	4
YM3	10	0	0	0
WM4	26	4	15	0
XF3	3	1	0	3
Total	132	30	156	94

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Na Tabela 2, apresenta-se os perfis dos informantes. As primeiras letras representam os códigos para os falantes. Em seguida tem-se a codificação para o sexo: M/F e a escolaridade, 3 para fundamental e 4 para médio.

De acordo com a tabela 5 os falantes D, H, Z, E, T e V alternam entre as quatro variantes.

Em seguida, alternando entre três variantes foram os falantes J, G, W e X e, alternando entre duas variantes foi o falante S. Entretanto, apenas um falante usou categoricamente a variante *Você*.

Portanto, dos falantes entrevistados apenas um falante foi incisivo no uso da variante *você*. Os demais falantes alternam as variantes, *você*, *ocê*, *cê* e *senhor/a*. A partir desse resultado se verifica indícios de co-ocorrência no falar dessa comunidade, ou seja, há ocorrências simultâneas entre as variantes de segunda pessoa do singular na Comunidade Canela. Observa-se o exemplo 1 a alternância entre as 3 variantes, na fala da informante D, retirado da amostra aqui em estudo.

INF - ...que hoje numa escola onde **você** num tinha um secretário...

INF - ... **ocê** escrevia, as letras ficava tudin... (relato)

INF - ...o Canela hoje, **cê** sabe aquela ...

INF - ...entrevista **cê** vai gostar dele...

INF - ... Assim, **ocê** tem que fazer tudo...

INF -.....ocê só botava já na água fervendo... (DF4)

4.2 Variáveis Sociais

Apresenta-se nesta seção os resultados das variáveis sociais selecionadas para este estudo, tais como: sexo feminino e masculino e, Escolaridade: Fundamental e Médio. O programa estatístico selecionou como significativos os grupos de fatores.

4.2.1 Sexo: Feminino e Masculino

A variável sexo foi selecionada como relevante para a análise desse fenômeno, pelo programa GoldVarb X. Para a realização desta rodada, foram amalgamadas as variantes *você*, *ocê*, *cê*, *versus senhor/a*. Os resultados para esta variável podem ser observados na tabela 3.

Tabela 3 - Distribuição das ocorrências de *você*, *ocê*, *cê*, *senhor/a* em relação ao sexo.

Sexo	VOCÊ/OCÊ/CÊ		SENHORA		Total
	Apl.Total I	%	Apl. Total	%	%
Homem	140/195	72	55/195	28	100%
Mulher	176/215	82	39/215	18	100%
Apl.Total	316/410	-	94/410	-	410/410

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Destaca-se aqui, a maior ocorrência das variantes *você*, *ocê*, e *cê* na fala das mulheres, com 82%. Os homens apresentaram um percentual levemente mais alto em relação ao uso dessas variantes, com 72%. Quanto a variante *senhor (a)*, a frequência de uso foi maior para o sexo masculino, apresentando o percentual de 28%, enquanto o sexo feminino apresentou o percentual de 18%. Observa-se que as mulheres tendem a usar a forma *você* e suas variantes, ao contrário, os homens apresentaram um percentual levemente maior de uso para a forma *senhor/a* e para as variantes *você*, *ocê*, e *cê*.

Tabela 4 - Distribuição das ocorrências de *você* x *ocê*, *cê* em relação ao sexo.

Sexo	VOCÊ		OCÊ/CÊ		Total
	Apl. Total	%	Apl. Total	%	%
Homem	58/176	33%	118/176	67%	100%
Mulher	74/140	53%	66/140	47%	100%
Apl. Total	132/316	-	184/316		316

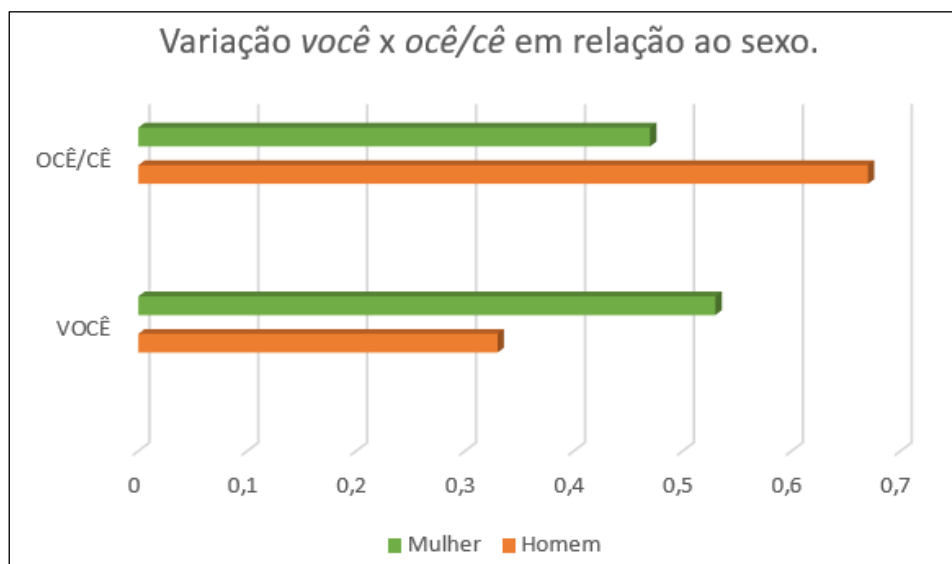
Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Para a realização desta rodada, foram amalgamadas as variantes *ocê* e *cê* para correlacionar com pronome *você*. As variantes *senhor/a* foram retiradas desta rodada. O programa, a partir das rodadas *up* e *dawn* selecionaram 2 grupos de fatores como significativos, o sexo e a tipologia textual.

Na Tabela 4 apresentam-se os resultados do grupo de fator sexo. Onde o falante do sexo masculino usou a variante *você* em um percentual de 33% e a variante *ocê* e *cê* com mais força, em 67%. Já o sexo feminino usou essas variantes quase que em equilíbrio, alcançando um percentual de 47% para *ocê* e *cê* e 53% para a variante *você*.

Apresenta-se no Gráfico 2, a distribuição das ocorrências *você versus ocê, cê* em relação ao sexo.

Gráfico 2 – Variação de *você versus ocê, cê* em relação à variável sexo.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Foram mais frequentes o uso das variantes *ocê* e *cê* no sexo masculino, apresentando o percentual de 67%. Por outro lado, o sexo feminino foi o que mais usou a forma *você*, com o percentual de 53% das ocorrências.

4.2.2 Escolaridade: Fundamental e Médio

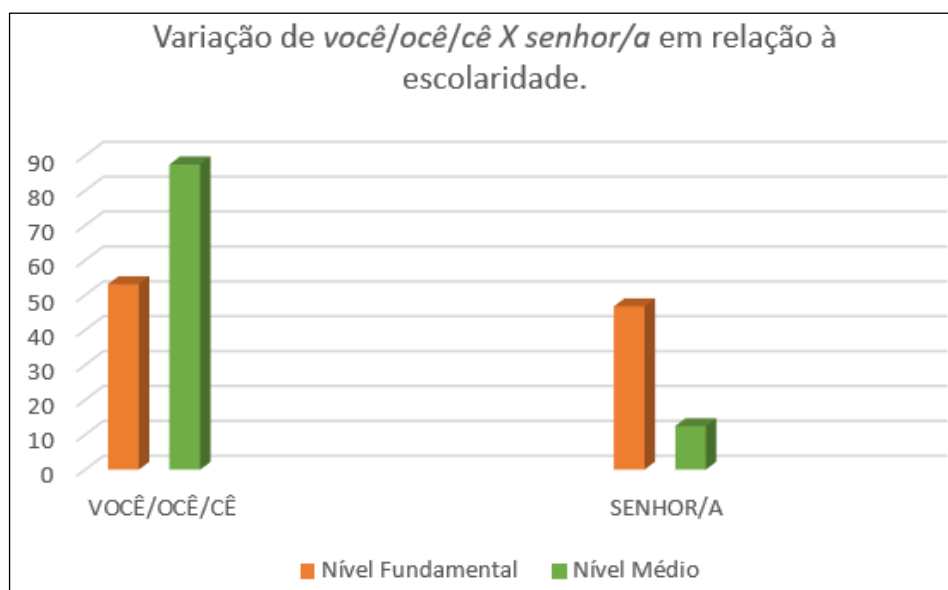
Esse grupo de fator foi selecionado como significativo pelo programa GoldVarb X, na rodada em que as variantes *você*, *ocê* e *cê* foram amalgamadas para correlacionar com a variante *senhor/a*. As rodadas do *up* e *down* selecionaram como significativos os grupos 1 e 4, referente à escolaridade e função sintática.

Tabela 5 - Variação de *você, ocê e cê, senhor/a* em relação à escolaridade.

Escolaridade	VOCÊ/OCÊ/CÊ			SENHOR/A			Total
	Apl/Total	%	P.R	Apl/Total	%	P.R	%
Nível Fundamental	66/124	53,2	0.64	58/124	46,8	0.36	100%
Nível Médio	250/286	87,5	0.20	36/286	12,5	0.80	100%
Total	316/410	-	-	94/410	-	-	410/410

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Os dados gerais mostram que os informantes com nível fundamental de escolaridade favoreceram a forma *senhor/a*, com o peso relativo de 0.80, enquanto os falantes de nível médio fazem uso significativo do pronome *você/ocê/cê*, apresentando o peso relativo de 0.64, favorecendo o uso dessa variante. O Gráfico 3 a seguir, apresenta a variação em relação à escolaridade.

Gráfico 3. Variação de *você, ocê e cê, senhor/a* em relação à escolaridade.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Observando o gráfico 3, no que se refere à escolaridade no nível médio a variante *Senhor/a* foi usada 12,5% e no nível fundamental 46,8 %. Partindo para o uso da variante *você, ocê e cê*, usou-se 87,5% no nível médio, enquanto o ensino fundamental o índice eleva para 53,2%.

4.3 Variáveis: linguísticas

Selecionou-se para esta análise 3 grupo de fatores linguísticos, com o objetivo de

observar o(s) ambiente(s) que favorece(m) ou não a realização das formas variantes *você*, *ocê*, *cê*, *senhor/a* da variável dependente (2ª pessoa do singular). A correlação dos fatores sociais e linguísticos que permitem compreender o uso dos pronomes *você*, *ocê*, *cê*, *senhor/a* de modo mais completo e abrangente. Resultados dos grupos de fatores linguísticos na variação *você*, *ocê*, *cê*, *senhor/a*, o Programa selecionou como estatisticamente significativos 3 grupos de fatores linguísticos.

Para a realização da rodada do grupo de fator linguístico tipologia textual, foram amalgamadas as variantes *ocê*, *cê* correlacionada com a variante *você*. As rodadas dos *up* e *down* selecionaram o grupo 2, referente à tipologia textual, como significativo.

Os percentuais de realização das variantes *você* versus *ocê*, *cê*, encontram-se nas tabelas e gráficos a seguir.

4.3.1 Tipologia textual das ocorrências: Instrucional/Não Instrucional

A tabela 6 a seguir mostra os resultados para este grupo de fator na fala dos moradores da antiga Vila Canela.

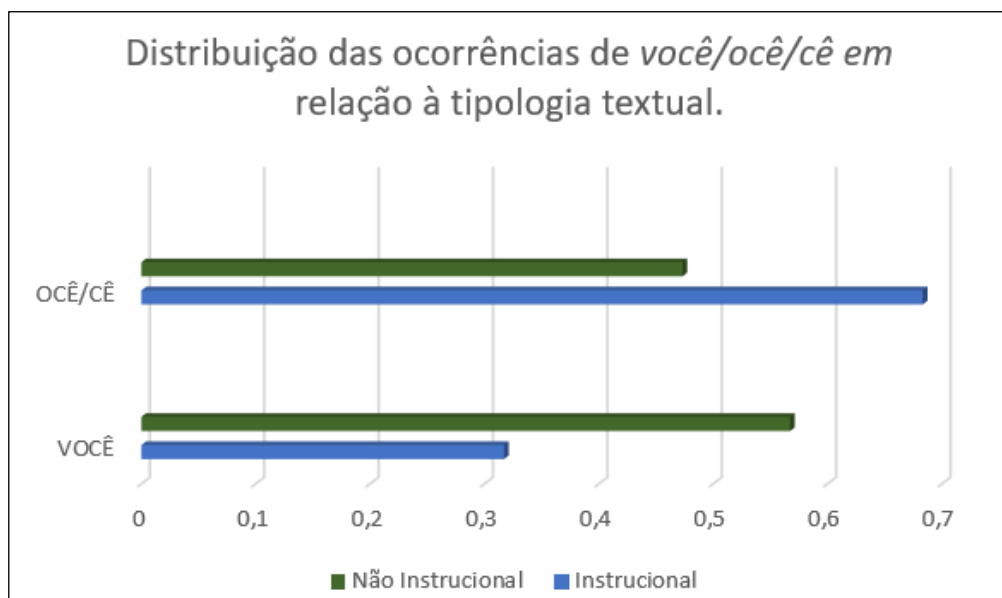
Tabela 6 - Distribuição das ocorrências de *você/ocê/cê* em relação à tipologia textual.

Tipologia textual	VOCÊ			OCÊ/CÊ		
	Apl. Total	%	P.R	Apl. Total	%	P.R
Instrucional	60/189	31,7	0.399	129/189	68,3	0.601
Não Instrucional	72/127	56,7	0.631	55/127	47,3	0.369
Apl. Total	132/316	-	-	184/316	-	316/316

6

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A variante *você* favoreceu o seu uso nas sequências tipológicas não instrucionais, ou seja, quando os falantes estavam relatando tópicos voltados às narrativas dos tipos de brincadeiras que costumavam brincar quando criança. Por outro lado, as variantes *ocê/cê* favoreceram as sequências instrucionais, ou seja, quando os falantes repassam o modo de fazer as receitas culinárias, instruem sobre as brincadeiras infantis e como chegar aos pontos turísticos questionadas.

Gráfico 4. Variação de *você*, *ocê* e *cê* em relação à Tipologia Textual.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

De acordo com os resultados dos dados referente à tipologia textual, nota-se um percentual maior de uso para a variante *você* nas sequências tipológicas não instrucionais. Logo, a sequência tipológica instrucional favoreceu as variantes *ocê/cê*, apresentando os percentuais 68,3% para aquela e 56,7 para estas. Segue exemplo 1, de tipologia instrucional retirado da amostra.

INF.: “O manguão é assim, **cê** pega... a receita dele é assim, **cê** pega quinhentos gramas de porvilho, **pega** um copo de óleo e meio copo de água, sal a gosto. Aí, **cê** pega esse óleo e o sal com a água e **bota** para ferver. Aí **cê** escalda o porvilho com ela. Aí, depois que o porvilho tá frio, **cê** amassa com ovo. Até ficar no ponto, nem muito mole demais, nem muito duro” (DF4).

4.3.2 Função sintática

Este foi um dos grupos de fatores selecionados como significativos pelo Programa. O controle desta variável objetiva observar até que ponto a função sintática, aqui classificada como: função de sujeito e na função de não sujeito, (na função de não sujeito, quando está na posição de adjuntos/complementos).

Na Tabela 7, apresentam-se os resultados percentuais e os pesos relativos para cada uma das variantes.

Tabela 7 - Resultado geral da produtividade de *você/ocê/cê/senhora/a* em relação à função sintática.

Função Sintática	VOCÊ/OCÊ/CÊ			SENHOR/A		
	Apl.Total	%	P.R	Apl.Total	%	P.R
Sujeito	305/388	78,6	0.523	83/388	21,4	0.477
Não Sujeito	11/22	50	0.164	11/22	50	0.836
Apl.Total	316/410	-	-	94/410	-	410/410

Fonte: Elabora pela Autora (2023).

Os resultados dos dados mostram que as variantes *você/ocê/cê* foram mais produtivas exercendo a função de sujeito, obtendo o peso relativo 0.523. Por outro lado, as variantes *senhora/a* foram mais produtivas exercendo outras funções (não sujeito), alcançando o peso relativo de 0.836 para esses pronomes.

4.4 A avaliação do Pronome de segunda pessoa do singular

Resultado das avaliações que os falantes canelenses fazem das variantes de segunda pessoa do singular.

QUADRO 5 – Síntese do significado das variantes de segunda pessoa do singular.

1) Qual a forma de 2ªPS costuma usar para se dirigir a um amigo ou a uma amiga?			
Falantes	Nível Fundamental	Falantes	Nível Médio
		DF	Olha eu uso muito. Eu sou muito grata no que quero, eu já falei esse <i>tu</i> é danado para me perseguir. Mas eu uso o termo <i>senhor</i> , dependendo da intimidade eu falo <i>tu</i> , <i>você</i> .
JF	Olha eu uso muito o <i>tu</i> .		
		GF	Um amigo assim da minha faixa etária eu falo <i>você</i> . Agora quando é um amigo mais idoso eu falo <i>senhor</i> .
		HF	Eu uso mais é <i>você</i> .
ZF	Tem vez que eu falo é <i>tu</i> mais eu gosto de falar se é de idade, eu gosto de falar oh <i>senhora</i> .		
EM	Conforme o tipo da pessoa, como a <i>senhora</i> eu não vou falar <i>você</i> , eu falo a <i>senhora</i> . Se é um		

	rapaz, eu falo <i>você</i> , se é um menino, uma criança, eu falo <i>ocê</i> também.		
TM	<i>Senhor e senhora</i> depende da idade.		
		SM	<i>Você</i> .
		VM	Se for de mim pra cima, <i>senhor e senhora</i> e tal. Se for abaixo é lógico que eu vou e eu não gosto desse tal, <i>tu</i> faz isso? <i>Você</i> faz isso.
YM	Geralmente eu uso <i>tu</i> e <i>você</i> .		
XF	<i>Senhor e senhora</i> .		
		WM	Geralmente <i>você</i> e <i>tu</i> .
2) Qual forma costuma usar para dirigir ao seu pai ou a sua mãe? Tu/você/ocê/cê/senhor e senhora? - Usaria o tu, você, ocê e cê com seus pais?			
Falantes	Nível Fundamental	Falantes	Nível Médio
		DF	<i>Senhor e senhora</i> , isso aí eu tô bem acostumada, eu não consigo falar com meus pais, é porque foi a maneira que fui criada. Eles não aceitava, não admitia que falasse <i>você</i> , <i>tu</i> e <i>ocê</i> .
JF	<i>Senhor e senhora</i> .		
		GF	<i>Senhor e senhora</i> . Não utilizo o <i>tu</i> . Acho que pela criação, meus pais deu para nós que era de respeito tratar <i>senhor e senhora</i> .
		HF	<i>Senhor e senhora</i> . <i>Tu</i> , nunca utilizei. A educação que eles deu para nós. porque já vem de berço. Nós fomos ensinados assim, eu cresci e aprendi e passei pros meus filhos.
ZF	<i>Senhor e senhora</i> e <i>Tu</i> não. Pai e mãe não aceitava.		
EM	<i>Senhor e senhora</i> . Toda vida. Aquela maneira que dava mais certo, <i>senhor e senhora</i> . <i>Tu</i> achava que tava ofendendo, não era da		

	minha iguala.		
TM	<i>Senhor e senhora, Tu era lapada.</i>		
		SM	<i>Senhor e senhora, respeito por pessoas mais velha. Não utilizaria (Tu,você,ocê e cê).</i>
		VM	<i>Senhor e senhora. Não utilizaria (Tu você,ocê e cê).</i>
3) Qual a forma costuma usar para se dirigir a alguém superior (chefe por exemplo)? Tu/você/ocê/cê?			
DF			Olha eu dirijo <i>senhor e senhora</i> . Mas dependendo chamo de <i>você</i> .
JF	Ultimamente o chefe que eu tinha não gostava que chamava seu Rodrigo, seu Jonas e dona Maria Rita, não. Era Rodrigo, Jonas e Maria Rita.		
		GF	<i>Senhor e senhora.</i>
		HF	<i>Senhor e senhora.</i>
ZF	<i>Senhor e senhora.</i>		
EM	Se fosse rapaz da minha iguala era <i>você</i> . <i>Tu</i> eu quase não usei. <i>Tu</i> não lembro que usei com ninguém. <i>Tu</i> não achava que tava muito certo. Era <i>você</i> ou <i>senhor</i> .		
TM	<i>Senhor e senhora.</i>		
		SM	<i>Senhor e senhora.</i>
		VM	<i>Senhor e senhora.</i>
YM	<i>Senhor e senhora.</i>		
XF	<i>Senhor e senhora.</i>		
WM			Hoje a gente já usa o <i>você</i> para essa questão de chefia.
4) Quais dessas formas acha mais bonita? Tu/você/ocê/cê/senhor/senhora?			
		DF	<i>Você.</i>
JF	<i>Senhor e senhora é mais agradável.</i>		
		GF	<i>Senhor e senhora.</i>
		HF	<i>Senhor e senhora.</i>
ZF	<i>Senhor e senhora.</i>		
EM	<i>Senhor, senhora e você.</i>		
TM	<i>Senhor, senhora e você.</i>		
		SM	<i>Senhor e senhora.</i>
		VM	<i>Você, senhor e senhora.</i>

YM	Senhor e senhora.		
XF	Senhor e senhora.		
		WM	Você aplica a toda faixa etária.
5) Qual/is dessas formas acha feia ou ruim? Tu/você/ocê/cê/senhor/senhora?			
		DF	Cê, o <i>tu</i> não é tão bonito, mais é mais bonito que o <i>cê</i> . Eu acho assim o <i>tu</i> parece que a gente fala com mais vigor <i>tu</i> .
JF	Cê = ruim.		
		GF	Feio <i>cê</i> . <i>Ocê</i> é lá assim. É que nós também na nossa criação a gente falava <i>ocê</i> . Ei <i>ocê</i> . Mas é depois que eu peguei um conhecimentozinho, que eu viajei, que eu estudei em outro lugar, eu acho feio.
		HF	Feio <i>tu</i> .
ZF	Feio <i>tu</i> , feio de falar <i>tu</i> , acho.		
EM	O <i>Tu</i> se eu falar de <i>tu</i> não sei nem de onde é que veio.		
TM	Feio é <i>tu</i> .		
		SM	<i>Cê</i> e <i>ocê</i> é um modo de se expressar. Mas não acho certo não. É um hábito que a pessoa pega, né? de reduzir as coisas. Aí onde é onde que dá de tanto a gente falar errado a gente cai e o português da gente fica. Vai fazer uma prova de concurso acaba nem escrevendo certo e nem falando. Não sabe interpretar as coisas certo. <i>Cê</i> mais é uma moda antiga
		VM	Ruim o <i>tu</i> .
YM	Depende para quem está referindo esse modo.		
XF	Não é feio não. Não nenhum.		
		WM	Eu acho que o <i>tu</i> já é mais um pouco mais.. já não soa muito bem. Não é que tenha,

			se for pra mim num tem assim feio ou bonito. igual eu já falei vai do grau de intimidade.
--	--	--	---

Elaborado pela autora (2023)

De acordo com as respostas do quadro 5, quando foi perguntado aos falantes canelenses de nível médio, qual ou quais forma/s de 2ªPS costumavam usar para se dirigir/em a um amigo ou a uma amiga? Os pronomes *tu* e *você* foram os mais indicados por esses falantes para interagir com seus interlocutores, os quais os usos podem estar ligados ao grau de intimidade ou com faixas etárias menores ou iguais às suas. Já com amigos de maior idade, a forma *senhor/a* são as mais selecionadas. Entretanto, com relação à variante *tu*, durante as entrevistas, estas não foram usadas. Exemplos 2, retirados do Quadro 5:

“(...) eu já falei esse *tu*, ele é danado para me perseguir. Mas eu uso o termo *senhor*, dependendo da intimidade eu falo *tu*, *você*”. / “Um amigo assim da minha faixa etária eu falo *você*.” / “Agora quando é um amigo mais idoso eu falo *senhor*.” / “Eu uso mais é *você*.” / “*Você*.” / “Se for de mim pra cima, *senhor* e *senhora* e tal. Se for abaixo é lógico que eu vou... eu não gosto desse tal, *tu* faz isso? *Você* faz isso.” / “Geralmente *você* e *tu*.”

Os falantes de nível fundamental afirmaram usar: a variante *tu*, *senhor/a* e *você*, conforme exemplos 3:

“Olha eu uso muito o *tu*.” / “Tem vez que eu falo é *tu*, mais eu gosto de falar se é de idade, eu gosto de falar oh *senhora*.” / “Conforme o tipo da pessoa, como a *senhora* eu não vou falar *você*, eu falo a *senhora*. Se é um rapaz, eu falo *você*, se é um menino, uma criança, eu falo *você* também.” / “*Senhor* e *senhora* depende da idade.” / “Geralmente eu uso *tu* e *você*.” / “*Senhor* e *senhora*.”

Em relação à segunda pergunta sobre: Qual forma costuma usar para dirigir ao seu pai ou a sua mãe? *Tu/você/ocê/cê/senhor* e *senhora*? - Usaria o *tu*, *você*, *ocê* e *cê* com seus pais? Os falantes de nível médio foram categóricos no uso de *senhor* e *senhora* para dirigirem aos seus pais. Conforme exemplos 4:

“*Senhor* e *senhora*, é porque foi a maneira que fui criada. Eles não aceitava, não admitia que falasse *você*, *tu* e *ocê*.” / “*Senhor* e *senhora*. Não utilizo o *tu*. Acho que pela criação, meus pais deu para nós que era de respeito tratar *senhor* e *senhora*.” / “*Senhor* e *senhora*. *Tu*, nunca utilizei. A educação que eles deu para nós. Porque já vem de berço. Nós fomos ensinados assim, eu cresci e aprendi e passei pros meus filhos.” / “*Senhor* e *senhora*, respeito por pessoas mais velha. Não utilizaria (*Tu*, *você*, *ocê* e *cê*).” / “*Senhor* e *senhora*. Não utilizaria (*Tu* *você*, *ocê* e *cê*).”

A maioria dos falantes canelenses do nível fundamental afirmaram usar as formas

senhor e *senhora* com seus pais, mas houve também, alguns participantes da pesquisa que afirmaram usar, mesmo que de forma brincalhona, com seus pais, entretanto, uma canelense, ressalta que, quando sua filha a chama por *tu*, ela não aceita. Exemplo:

“*Senhor e senhora*. Agora depois de velho, de vez em quando eu falo com minha mãe o *tu*. Mas ela não aceita não.” / “Às vezes quando tô brincando, eu falo *tu*,” / “...minha filha fala muito o *tu*, pra mim. Eu falo: *tu* não, pra *você*, eu sou *senhora*.”

Os demais exemplos estão mencionados a seguir:

“*Senhor e senhora* e *Tu*, não. Pai e mãe não aceitava.” / “*Senhor e senhora*. Toda vida.” / “Aquela maneira que dava mais certo, *senhor e senhora*.” / “*Tu* achava que tava ofendendo, não era da minha iguala.” / “*Senhor e senhora*, *Tu* era lapada.”

A terceira pergunta sobre: Qual a forma costuma usar para se dirigir a alguém superior (chefe por exemplo)? *Tu/você/ocê/cê*? Esse questionamento foi mais afirmado o uso de *senhor* e *senhora* e *você*. Porém, houve um caso em que os chefes ou superiores não gostavam de ser chamados de *senhor* ou *senhora*, preferiam ser chamados pelos nomes ou pelo pronome *você*.

A quarta pergunta sobre: Quais dessas formas acha mais bonita? *Tu/você/ocê/cê/senhor/senhora*? Para esse questionamento, a forma *senhor* e *senhora* foram as mais mencionadas, em segundo lugar a variante *você*. Um canelense chegou a afirmar que o *você* se aplicaria a qualquer faixa etária.

Para concluir, a quinta pergunta sobre: Qual/is dessas formas acha feia ou ruim? *Tu/você/ocê/cê/senhor/senhora*? Os falantes do nível médio avaliaram as formas reduzidas *Cê* e *ocê* e o pronome *tu* como negativas, conforme os exemplos que seguem:

“*Cê*, o *tu* não é tão bonito, mais é mais bonito que o *cê*. Eu acho assim o *tu* parece que a gente fala com mais vigor *tu*. / Feio *cê*. *Ocê* é lá assim. É que nós também na nossa criação, a gente falava *ocê*. Ei *ocê*. Mas é depois que eu peguei um conhecimentozinho, que eu viajei, que eu estudei em outro lugar, eu acho feio. / Feio *tu*. / *Cê* e *ocê* é um modo de se expressar. Mas não acho certo não. É um hábito que a pessoa pega, né? de reduzir as coisas. Aí onde é onde que dá de tanto a gente falar errado a gente cai e o português da gente fica. Vai fazer uma prova de concurso acaba nem escrevendo certo e nem falando. Não sabe interpretar as coisas certo. *Cê* mais é uma moda antiga. / Ruim o *tu*. / Eu acho que o *tu* já é mais um pouco mais.. já não soa muito bem. Não é que tenha, se for pra mim num tem assim feio ou bonito. igual eu já falei vai do grau de intimidade.”

Os significados das variantes de segunda pessoa do singular poderão ser retomados com mais aprofundamento em pesquisas posteriores. Pois é um assunto muito interessante para ser trabalhado a abordagem sobre crenças e atitudes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo colocou em evidência a variação da segunda pessoa do singular no falar dos remanescentes do antigo Canela. As formas mais usadas por esses falantes são, primeiramente, as variantes *você* e *cê*, em segundo, as formas *senhor* e *senhora* foram usadas e também bem avaliada pelos canelenses. A variante *ocê* foi usada por alguns falantes dessa comunidade, mas a sua avaliação não foi muito positiva, em se comparando com as demais formas. Todavia, a variante *ocê* se aproximou ao valor dado à variante *tu*.

Os fatores linguísticos e sociais foram bem relevantes no condicionamento do uso das variantes de segunda pessoa do singular no falar canelenses, uma vez que as variáveis linguísticas revelaram que o uso da variante *você* foi favorecida nas sequências tipológicas não instrucionais, ou seja, quando os falantes estavam relatando tópicos voltados às narrativas dos tipos de brincadeiras que costumavam brincar quando criança. Por outro lado, as variantes *ocê/cê* favoreceram as sequências instrucionais, ou seja, quando os falantes repassam o modo de fazer as receitas culinárias, instruem sobre as brincadeiras infantis e como chegar aos pontos turísticos questionados.

Os resultados dos dados mostram que as variantes *você/ocê/cê* foram mais produtivas exercendo a função de sujeito, obtendo o peso relativo 0.523. Por outro lado, as variantes *senhor/a* foram mais produtivas exercendo outras funções (não sujeito), alcançando o peso relativo de 0.836 para esses pronomes.

Em se tratando dos condicionamentos sociais, os dados gerais mostram que os informantes com nível fundamental de escolaridade favoreceram a forma *senhor*, com o peso relativo de 0.80, enquanto os falantes de nível médio fazem uso significativo do pronome *você/ocê/cê*, apresentando o peso relativo de 0.64, favorecendo o uso dessa variante.

Observou-se que as mulheres tendem a usar a forma *você* e suas variantes, ao contrário, os homens apresentaram um percentual levemente maior de uso para a forma *senhor/a* e para as variantes *você*, *ocê*, e *cê*.

Com relação à hipótese deste estudo, ficou confirmada que os falantes canelenses alternam entre as variantes *você/ocê/cê* e *senhor/a*. Dos 12 falantes entrevistados, apenas 1 usou 100% a variante *você*, os demais alternaram entre as cinco formas, uns alternaram mais, outros em menor escala. Isso pode indicar indícios de que as formas de segunda pessoa do singular são coocorrentes entre si, ou seja, há ocorrências simultâneas entre as variantes de segunda

pessoa do singular na Comunidade Canela.

A variante menos usada pelos falantes dessa comunidade foi a forma *ocê*. A variante *tu* só foi mencionada quando foram feitas as perguntas sobre o significado dos pronomes de segunda pessoa do singular. Entretanto, durante as entrevistas, esse não foi usado em nenhum momento.

REFERÊNCIAS

- CERVO, Amado L; BERVIAN, Pedro A; DA SILVA, Roberto. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: Martelotta, M.E. (Org.) Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, Willian. Padrões Sociolinguísticos. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Sherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- LIMA, A. F. de; RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de. A metodologia geossociolinguística. In: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. de; LIMA, A. F. de. (Orgs.). **Estudos geossociolinguísticos do português brasileiro**. v. 2. Campinas: Pontes, 2020.
- LUCCA, Nívia Naves Garcia. A variação tu/você na fala brasiliense. Dissertação de Mestrado. Brasília: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Brasília, 2005.
- LOREGIAN-PENKAL, Loremi. (Re) Análise da Referência de Segunda Pessoa na Fala da Região Sul. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2004. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/22530/T%20-%20LOREMI%20LOREGIAN-PENKAL.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 05 abr. 2021.
- MARTINS, Maria Rilda Alves da Silva. Análise da alternância de pronomes tu/você/cê no falar de Porto Nacional (TO) à luz da sociolinguística cognitiva. 2017.160f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Nacional, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/2227/1/Maria%20Rilda%20Alves%20da%20Silva%20Martins%20-%20Disserta%20c3%a7%20c3%a3o.pdf> . Acesso em: 05 Abr. 2021.
- MARTINS, M. R. A. SILVA, Daniel M. da., & Haupt, C. (2020). Os usos alternados das formas pronominais de segunda pessoa do singular cê, você e tu na comunidade linguística de Porto Nacional, Tocantins (The alternating uses of second person singular pronouns cê, você e tu in the speech community of Porto Nacional). Estudos Da Língua (gem), 18(2), 37-53. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/el.v18i2.5816> Acesso em: 06 abr. 2021.
- MENDES. Ronald Beline. Língua e variação. In: FIORIN. José Luiz (Org.) et al. Linguística? Que é isso? São Paulo: Contexto, 2015.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2012.

MORENO-FERNÁNDEZ, Francisco. Sociolinguística cognitiva: proposiciones, escolios y debates. Madrid: Iberoamericana /Vervuert, 2012.

OLIVEIRA, Frederico Salomé de. “Aquela vida véia dali num é a vida daqui”: as influências da igreja católica e as consequências da modernidade e urbanização na religiosidade dos antigos moradores do povoado Canela, em Palmas-To. 2012. 343f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151308> Acesso em: 10 mar 2021.

OLIVEIRA JÚNIOR, Miguel. Aspectos técnicos na coleta de dados linguísticos orais. In Raquel Meister Ko. Freitag (Organizadora). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014, p.19-26. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Freitag/publication/271191324_Metodologia_de_coleta_e_manipulacao_de_dados_em_Sociolinguistica/links/55281d920cf2779ab78ccd5d/Metodologia-de-coleta-e-manipulacao-de-dados-em-Sociolinguistica.pdf#page=18 Acesso em: 20 fev 2023.

SANTOS, Viviane Maia dos. "Tu vai para onde? Você vai para onde?": manifestações da segunda pessoa na fala carioca. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/389530/mod_resource/content/1/Tu%20no%20Rio%20de%20Janeiro.pdf Acesso em: 05 Abr. 2021.

SANTOS, Antonio Miranda. Povoado Canela em Palmas–TO: lugar e reassentamento. **Revista Interface (Porto Nacional)**, n. 14, p. 90-98, 2017.

SILVA, Daniel Marra da. Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia: UFG, 2009. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2433> Acesso em: 05 Abr. 2021.

SILVA, Daniel Marra da. Whitney, Saussure, Meillet e Labov: implicações metodológicas e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos. 2012. 163 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia: UFG, 2009. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/156/o/Tese_-_Daniel_Marra_da_Silva.pdf Acesso em: 05 Abr. 2021.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. *Tabuleiro de Letras, Salvador*, n. 4, p. 1-32, 2012. Disponível em: http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo09.pdf Acesso em: 07 Abr. 2021.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCARDUA, Juliana Rangel. A alternância tu e você: cartas capixabas. *Confluência*, [S.l.], p. 9-25, jul. 2018. ISSN 2317-4153. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/224>. Acesso em: 10 Abr.

2021.